



Agostinho e Wittgenstein em torno da linguagem: o problema da significação

Agustín y Wittgenstein en torno al lenguaje: el problema del significado Augustine and Wittgenstein on language: the meaning problem

Bento SILVA SANTOS¹

Filício MULINARI²

Resumo: A influência do pensamento de Santo Agostinho (354-430) sobre temas da filosofia contemporânea é de fato grandiosa. Dentre os principais temas influenciados por Agostinho, um destaca-se notoriamente na contemporaneidade filosófica, a saber, o tema referente à linguagem. Não é por acaso que Ludwig Wittgenstein (1889-1951), um dos principais filósofos do século XX, manteve uma relação teórica oscilante com a teoria da linguagem agostiniana. Nesse sentido, tendo como base as obras *Confissões* e *De Magistro* de Agostinho, bem como as obras *Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações Filosóficas*, de Wittgenstein, o presente trabalho tem como objetivo analisar a relação teórica entre Agostinho e Wittgenstein no que se refere aos signos lingüísticos. Com a pretendida aproximação entre os dois filósofos, almeja-se apresentar uma discussão sobre a relação mantida entre os signos lingüísticos e os objetos referenciados, com o objetivo de aprofundar o debate sobre o tema do conteúdo referencial das palavras, tema importante para a metafísica da linguagem e para a filosofia da linguagem contemporâneas.

Palavras-chave: Signos lingüísticos – Significado – Virada lingüística – Linguagem – Agostinho – Wittgenstein.

Abstract: The influence of Saint Augustine (354-430) on the contemporary philosophy themes is in fact great. Inside these themes, one stands out in the

¹ Professor Doutor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *E-mail:* benedictus1983@gmail.com.

² Professor Assistente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). *E-mail:* filicio@gmail.com.

contemporary philosophy: the theme of language. It is no accident that Ludwig Wittgenstein (1889-1951), one of the great philosophers of language of XX century, kept a swinging correlation with the Augustine theory. In this sense, with support in the Augustine's works *Confessiones* and *De magistro*, and with support in the Wittgenstein's *Tractatus-Logico Philosophicus* (1921) and *Philosophical Investigations* (1953), this article aims analyze the theoretic connection between Augustine and Wittgenstein on the linguistics signals. With this connection, aims presents a scrutiny about the link between linguistic signals and referentials objects, with function of explore the discussion about the referential words conteudistics topic, an important topic in the language's metaphysics and for the philosophy of language.

Keywords: Linguistic signs – Signification – Linguistic turn – Language–Augustine – Wittgenstein.

ENVIADO: 13.10.2014

ACEITO: 15.10.2014

I. Introdução

Na contemporaneidade filosófica, principalmente após a virada lingüística (*linguistic turn*),³ o tema da linguagem se tornou um eixo central para quase todas as correntes filosóficas. Interessante, entretanto, é saber que Ludwig Wittgenstein (1889-1951),⁴ um dos maiores filósofos do tema do século passado, possuía um respeito particular com as idéias do filósofo medieval Santo Agostinho (354-430). No entanto, tal fato comumente faz surgir à seguinte questão: qual é a influência ou relação que as idéias do filósofo medieval exerceram, quase 1500 anos depois, nas idéias contemporâneas e revolucionárias de Wittgenstein?

É sabido que Wittgenstein via em Agostinho um dos maiores pensadores da história da filosofia.⁵ Porém, apesar de toda admiração do filósofo austríaco

³ Para mais detalhes sobre a relação entre Wittgenstein e a Virada Lingüística, vide: RORTY, 1991.

⁴ Nascido em Viena e naturalizado britânico, os escritos de Wittgensteins não só influenciaram duas das grandes escolas do século XX – o Círculo de Viena e a Filosofia da Linguagem de Oxford –, mas também foram de grande influência para ampla parte dos filósofos e pesquisadores de quase todo campo das ciências humanas e sociais do século passado (STERN, 2004, 19).

⁵ MALCOLM, 1984: 59-60.

para com o filósofo medieval, a relação das idéias de Wittgenstein com as de Agostinho eram oscilantes e, até hoje, não é realmente clara em suas obras.⁶

Decerto, se sabe que ele inicia sua obra póstuma *Investigações Filosóficas* (1953) com uma longa citação de Agostinho e, ainda, critica aquilo que tradicionalmente foi denominado como “visão agostiniana da linguagem”, visão esta que estaria presente na história da filosofia de Agostinho até o próprio Wittgenstein, principalmente nas teses presentes em sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921), obra essa que representa um dos ápices da filosofia analítica e da semântica lógica do início do século XX.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva aproximar a relação que Wittgenstein possuía com as idéias de Agostinho, principalmente no que se refere aos signos lingüísticos, e tenta clarear a crítica do filósofo contemporâneo àquilo que tradicionalmente ficou conhecido como “visão agostiniana da linguagem”. Salienta-se, de antemão, que não será feito nenhum estudo aprofundado sobre uma possível teoria da linguagem presentes nas obras de Agostinho, mas somente um estudo sobre a crítica de Wittgenstein àquilo que tradicionalmente ficou conhecido como “imagem agostiniana da linguagem”.

II. Wittgenstein, a contemporaneidade e Agostinho

Como dito anteriormente, Wittgenstein inicia as *Investigações Filosóficas* com uma longa citação de Agostinho. Para o filósofo austríaco, tal passagem reflete certa imagem da essência da linguagem humana que por muito tempo perdurou nos clássicos da história da filosofia, a saber, que as palavras denominam objetos.⁷ A passagem citada de Agostinho é a seguinte:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som

⁶ Normalmente se divide o pensamento de Wittgenstein em duas fases: o primeiro Wittgenstein, relativo principalmente as idéias expostas no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921), e segundo Wittgenstein, relativo principalmente as idéias expostas na obra póstuma *Investigações Filosóficas* (1953). Apesar de apresentarem teses diferentes, pode-se afirmar que a idéia central que perpassa as duas épocas remete a compreensão dos problemas tradicionais da filosofia por uma análise minuciosa da linguagem (MULINARI, 2010: 166).

⁷ Wittgenstein, 1979, p. 9.

da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos (AGOSTINHO, *Confissões*, cap. 8).

Para Wittgenstein, é nessa essência da linguagem humana referenciada na citação de Agostinho que se encontram as raízes da idéia de que cada palavra possui uma significação, significado esse que substitui o objeto que a palavra referencia por um signo. A idéia de que cada palavra possui um significado (*Bedeutung*) e que cada significado corresponde a um objeto (*Gegenstand*) é a base fundamental daquilo que Wittgenstein denominou como ‘imagem agostiniana da linguagem’.

Nessas palavras temos, assim me parece, uma determinada imagem da essência da linguagem humana. A saber, esta: as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da idéia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada a palavra. É o objeto que a palavra substitui (WITTGENSTEIN, 1979: 9).

Não obstante, essa correspondência entre significado e objeto também fundamenta as teses centrais dos escritos de semântica lógica de Frege, Russell e do próprio *Tractatus* de Wittgenstein. Vale lembrar que os escritos desses filósofos contemporâneos sustentaram boa parte da lógica e da semântica contemporânea e, com isso, influenciaram várias correntes filosóficas do século passado, como o neo-positivismo do Círculo de Viena (*Wiener Kreis*) e a corrente analítica americana.

Nesse sentido, estaria, então, Wittgenstein ao citar Agostinho, visando uma crítica ao pensamento analítico do qual anteriormente ele próprio fez parte? Se realmente essa é a intenção, por que então não citar diretamente o alvo da sua crítica, seja Frege, Russell ou o próprio *Tractatus*, ao invés de Agostinho? Porém, se a crítica de Wittgenstein é, ao contrário, para com uma suposta teoria da linguagem de Agostinho, por que motivo ele menciona as *Confissões*, obra que não trata diretamente da linguagem e, ainda, deixa de lado a obra agostiniana *De Magistro*, que de fato trata de problemas referentes à linguagem, como a significação? Essas questões são, de fato, pertinentes, e a resposta a elas são fundamentais para a compreensão daquilo que Wittgenstein denominou como “imagem agostiniana da linguagem”.

A razão fundamental da escolha de Wittgenstein por Agostinho e pelo trecho da obra *Confissões* pode ser encontrada na própria citação do filósofo medieval (Faustino, 1995: 11). Na citação, Agostinho descreve a maneira como aprendeu a falar e, com isso, descreve uma finalidade básica do *uso* da linguagem, que é a de dar expressão aos desejos (*indicante affectionem animi*). A aproximação entre aprendizagem da linguagem e as condições de uso é talvez o maior fundamento da teoria de significação proposta por Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas*.

É certo que essa aproximação entre linguagem e uso também havia sido feita por Agostinho. Contudo, a crítica do filósofo austríaco à concepção agostiniana se concentra em dois outros pontos presentes na citação, que são: 1) a idéia de que o aprendizado da linguagem é feito por meio da compreensão de nomes, enquanto “sinais de objeto” (*rerum signa*); 2) a idéia de que o aprendizado da linguagem tem como finalidade a expressão verbal de nossos desejos ou afecções da alma (*Empfindungem der Seele*). Assim, em um primeiro momento, Wittgenstein irá criticar o conceito agostiniano de significado (*Bedeutung*) e, após isso, mostrará quais os contra-sensos que essa concepção produz se aplicada de forma dogmática.

III. A crítica à definição ostensiva

Para Wittgenstein, o conceito agostiniano de significado remete a idéia de que há uma correlação direta entre palavra e objeto, uma vez que cada palavra possui uma referência *real*, ou seja, cada palavra possui um objeto que lhe corresponde.

O conceito agostiniano de significado (*Bedeutung*) encerra a idéia de que há para cada palavra da linguagem uma referência, uma coisa ou objeto que lhe corresponde, sendo esta correspondência aprendida e ensinada pelo procedimento de nomeação (FAUSTINO, 1995: 12).

O importante aqui é salientar que, embora a significação referencial por nomeação se dê em alguns casos da linguagem, ela não se dá em *todos* os casos, i.e., não é uma *essência da linguagem*. Se assim o fosse, o processo pelo qual as palavras ganham significado seria similar a colocar uma etiqueta com o nome da coisa (significado) na própria coisa.

A palavra “designar” é talvez empregada de modo mais direto lá onde o signo está sobre o objeto que ele designa. [...] Assim, e de modo mais ou menos semelhante, um nome designa uma coisa, e é dado um nome a uma coisa. Ser-

nos-á frequentemente útil se dissermos quando filosofamos: denominar algo é semelhante a colocar uma etiqueta numa coisa (WITTGENSTEIN, 1979: 14)

Essa noção de significação por nomeação é muito útil para uma linguagem primitiva, como para uma criança que está aprendendo a falar as primeiras palavras, porém não pode ser tomado para todos os ramos da linguagem.

[o conceito filosófico da significação proposto por Agostinho] cabe bem numa representação primitiva da maneira pela qual a linguagem funciona. Mas, pode-se também dizer, é a representação de uma linguagem mais primitiva do que a nossa (WITTGENSTEIN, 1979: 10, §2).

Para a compreensão dessa parte da crítica, Wittgenstein nos dá o exemplo dos casos onde ‘significamos’ as palavras *ali* e/ou *isto*. O filósofo argumenta que quando se quer ensinar o significado da palavra ‘pedra’, por exemplo, bastaria apontar para o objeto ‘pedra’ e dizer ‘Isto é uma pedra’. Contudo, questiona: segundo esse modelo, como é possível significar a palavra *isto* e/ou *ali*? Para qual objeto deve-se apontar? Para Wittgenstein, o significado dessas palavras é aprendido não apenas no *aprender do uso* (no ato de designar), mas no próprio *uso*:

Também “ali” e “isto” são ensinados ostensivamente? – Imagine como se poderia ensinar seu uso! Serão mostrados então lugares e coisas, - mas aqui esse mostrar acontece na verdade também no *uso* das palavras e não apenas no aprender do uso (WITTGENSTEIN, 1979: 13).

O que interessa aqui é ressaltar que mesmo que o processo ostensivo desempenhe um papel importante na aquisição da linguagem (e de fato realmente desempenha), o mesmo não pode ser tomado como modelo geral de significação. Uma vez que se toma a concepção de significado como referência a algum objeto, generaliza-se indevidamente o processo no qual as palavras obtêm significado:

Conhecer uma palavra seria, desse ponto de vista, conhecer a coisa ou o objeto que ela nomeia; isso quer dizer simplesmente que, à luz da imagem agostiniana da linguagem, todas as palavras se comportam gramaticalmente como nomes e que a “definição ostensiva” estabelece uma regra gramatical fixa para definir o significado de todas as palavras da linguagem (FAUSTINO, 1995: 15).

Para Wittgenstein, o erro aqui seria tomar aquilo que faz parte do processo de aprendizagem (*Abrichtung*), i.e., o ensino ostensivo (*hinweisendes Lehren*), por uma regra geral de significação, que é a definição ostensiva.

Uma parte importante desse treinamento consistirá no fato de que quem ensina mostra os objetos, chama a atenção da criança para eles, pronunciando então uma palavra, por exemplo, a palavra “lajota”, exibindo essa forma. (Não quero chamar isto de “elucidação ostensiva” ou “definição”, pois na verdade a criança ainda não pode *perguntar* sobre a denominação. Quero chamar de “ensino ostensivo das palavras”. – Digo que formará parte importante do treinamento, porque isso ocorre entre os homens; e não se poderia representar de outro modo.) (WITTGENSTEIN, 1979: 11).

De fato, há a possibilidade de o ensino ostensivo estabelecer um significado (ligação associativa) entre a palavra e coisa, porém é importante salientar que isso não se dá em todos os casos, ou seja, isso não se caracteriza como uma fórmula universal de significação e, ainda, não se dá da mesma forma em todas as situações.

Esse ensino ostensivo das palavras, pode-se dizer, estabelece uma ligação associativa entre palavra e a coisa: mas o que significa isso? Ora, isso pode significar coisas diferentes; no entanto, pensa-se logo no fato de que, quando a criança ouve a palavra, a imagem surge no espírito. Mas se isso acontece - é essa a finalidade da palavra? – Sim, *pode* ser a finalidade (WITTGENSTEIN, 1979: 11).

Como dito anteriormente, o ensino ostensivo faz parte do ensinamento da linguagem, mas, de modo algum, tal forma de ensino fornece um significado *fixo* a um objeto. Como salientado na passagem acima, o ensino ostensivo é meramente *parte do treinamento*, e não uma elucidação ostensiva e, nesse sentido, não há margem de possibilidade para que o significado de uma palavra seja fixado semanticamente (que tenha um significado invariável).

O motivo de Wittgenstein preferir o conceito de “definição ostensiva” em prol de “ensino ostensivo” mantém relação conceitual entre “significado” e “uso”. De fato, ensino ostensivo mantém uma relação muito mais direta e clara com as noções de “significação” e “uso”, ao passo que definição ostensiva leva a crença na conexão universal entre significado e objeto (*Gegenstand*).⁸

Conclusão

Como foi possível perceber, a crítica de Wittgenstein a “imagem agostiniana da linguagem” não almeja uma crítica negativa a uma possível teoria da linguagem de Agostinho, mas antes a uma pretensa essência da linguagem

⁸ Faustino, 1995, p.17.



humana, que afirma que as coisas ganham significado por meio de uma definição ostensiva.

Foi possível notar que a escolha pela passagem das *Confissões* de Agostinho se deve a uma possível interligação entre duas noções fundamentais nos escritos semânticos das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, a saber, as noções de *ensino* e de *uso*.

Deve-se salientar, por fim, que diferentemente de Agostinho, Wittgenstein propôs em seus escritos que o processo de significação da linguagem, uma vez que é fundamentado no uso e no aprendizado, não deve ser tomado como um processo similar a “etiquetar coisas”, mas sim a um jogo onde os movimentos e o valor das cartas (palavras significadas) varia conforme o jogo que é jogado, não podendo nunca ser fixado *a priori*.

Bibliografia

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De Magistro*. Trad. J.O. Santos, A. Pina e A. Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- FAUSTINO, Silvia. *Wittgenstein - O eu e sua gramática*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- MALCOLM, Norman. *Ludwig Wittgenstein - A Memoir*. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- MULINARI, Filício. “Wittgenstein e Cabrera. Diferentes perspectivas em torno do problema da indizibilidade ética”. In: *Cognitio-Estudios*. Revista eletrônica de filosofia. São Paulo, Volume 7, Número 2, julho - dezembro, 2010, pp. 166-173.
- RORTY, Richard. Wittgenstein, Heidegger, and the Reification of Language. *Essays on Heidegger and Others*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- STERN, David. *Wittgenstein*. Philosophical Investigations. An Introduction. Cambridge: Cambridge U.P., 2004.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Ed. USP, 1968.